

Arquivos de Zoologia

Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo

Volume 47(2):33-42, 2016

www.mz.usp.br/publicacoes

www.revistas.usp.br/azmz

ISSN impresso: 0066-7870

ISSN on-line: 2176-7793

BALEIAS EM CIRCULAÇÃO: USO DE IMAGENS NA PRODUÇÃO E TRANSFERÊNCIA DE CONHECIMENTOS DE HISTÓRIA NATURAL MARINHA EM PORTUGAL DO SÉCULO XVIII

CRISTINA BRITO^{1,2,4}

LESE COSTA^{3,5}

ABSTRACT

*News about exotic large marine animals started to spread around Europe since the second half of the 16th century. These, containing both written and visual information, were typically included in encyclopedias and treatises, but also in pamphlets that easily moved from one person to another, disseminating the available information through distinct nets of knowledge and to different audiences. By the 18th century, both as part of newspapers and pamphlets, information about strange natural events were amply printed and translated in several vernacular languages. These became increasingly of great interest to common people and not only to scholars, naturalists or collectors, but also practitioners and craftsmen. Printed news included records and rare occurrences of local and exotic fauna. The analysis of Portuguese sources contributed with good examples of such events, firstly published in Portugal and then copied and translated to other vernacular tongues. It is the case of a fin whale stranded in the Tagus estuary (Lisbon) reported in the *Gazeta de Lisboa* 1723 with a detailed description of the specimen, accompanied by an illustration of the whale with its measures, which was afterwards translated and printed in a German pamphlet. Here, the transfer of natural history accounts and communication of new concepts of the natural world was conducted from the periphery to the centre of Europe. Other news of large marine animals stranding on the Portuguese shore and respective illustrations were also produced. All together they seem to show the interest of all levels of the society for such rare and strange events. Moreover, these whales in pamphlets and in other publications contribute to the construction of a modern European concept of the natural world.*

KEY-WORDS: Whales; Strandings; Portugal; Descriptions; Images; Pamphlets; Cultural dissemination; 18th Century.

¹ CHAM – Centro de História d’Aquém e d’Além Mar, FCSH/NOVA, UAc, Portugal.

² Esta investigação foi financiada por uma Bolsa de Pós-Doutoramento da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BPD/108927/2015).

³ APCM/Tec Labs – FCUL, Lisboa, Portugal.

⁴ E-mail: cristina.brito@escolademar.pt

⁵ E-mail: lesecosta@gmail.com

INTRODUÇÃO

“Um grande peixe diferente de qualquer espécie conhecida foi apanhado no Tejo, próximo de Cassilhas” dizia o cabeçalho de uma notícia publicada no periódico *Gazeta de Lisboa* nos finais do século XVIII (Mascarenhas, 1723). Apesar de nesta altura as grandes baleias serem conhecidas de, pelo menos, uma parte da sociedade – marinheiros, pescadores, exploradores, naturalistas – não seriam certamente do conhecimento do público em geral. Por este motivo, o arrojamento¹ de uma grande baleia no estuário do Tejo (Lisboa) seria sem dúvida razão de notícia e motivo de interesse geral. Um interesse que se começou a construir séculos antes com a descoberta de novos e exóticos animais marinhos de todas as partes do mundo.

Foi a partir do século XVI que notícias sobre animais estranhos, raros e monstruosos começaram a propagar-se por toda a Europa. Estas notícias, contendo tanto informação escrita como visual, podiam ser publicadas e disseminadas de variadas formas. Podiam, por exemplo, ser incluídas em capítulos de enciclopédias e tratados de história geral e natural, mas também podiam fazer parte dos tais folhetos. Desta forma, facilmente passariam de mão em mão, disseminando a informação disponível através de redes distintas de conhecimento e para diferentes públicos. Por volta do século XVIII, tanto em jornais como em folhetos, informação sobre estranhos eventos naturais era comumente impressa e traduzida em várias línguas vernáculas. Isto tornou-se cada vez mais do grande interesse das pessoas comuns e não só dos académicos, naturalistas ou colecionadores, mas também de diversos profissionais e artesãos. Muitas destas notícias impressas que incluíam também registos de ocorrências raras de fauna local e exótica, passaram a ser do conhecimento geral e permitiram o enriquecimento sobre a história natural.

Mais, o século XVI na Europa foi uma época de coexistência de vários dispositivos jornalísticos impressos, todos alimentando a curiosidade pública, o interesse pelo que sucedia aquém e além-mar, e consequentemente formando um mercado para a comunicação de novidades. Os primeiros a surgir foram publicações esporádicas, conhecidas em Portugal por várias designações contemporâneas: folhas volantes, folhas ocasionais, folhetos ocasionais, etc. Vingaram

também designações da época em que foram impressas: relações, notícias, cartas, manifestos e cópias. Na sequência de uma fase inicial de produção, este tipo de material impresso popularizou-se e tornou-se uma forma comum de disseminação de informação de diversas origens e sobre diferentes matérias. Destinavam-se a audiências muito diversificadas e encontravam público abundante pelo que a sua produção e venda foi sempre intensa. A carta e o folheto manuscritos eram elementos de um circuito de informadores, de redes de correspondentes, destinados a levar a informação a um determinado ponto, para depois se voltarem a integrar numa outra cadeia que por sua vez iria alimentar uma nova configuração informativa. O folheto, apresentado com alguma sequência, sob um título e exemplar único, obedecia a uma sucessão de informação com um carácter tendencialmente periódico (Soares, 2007). No presente trabalho vamos usar como fontes alguns folhetos e aqui o termo descreve publicações de carácter pontual e fisicamente volantes e, por isso mesmo, voláteis². Os folhetos eram compostos geralmente por poucas páginas, constituíam uma publicação barata, servindo para promover obras literárias mas também histórias fantasiosas sobre monstros (Teixeira & Papavero, 2014). Neste trabalho iremos analisar duas publicações portuguesas onde estejam descrições de “grandes peixes” nunca antes vistos em Lisboa, a construção da notícia, seu conteúdo e a sua disseminação.

A baleia na *Gazeta de Lisboa*

A *Gazeta de Lisboa* foi uma das fontes selecionadas para a constituição do nosso corpus documental, por ser um dos periódicos mais importantes e duradouros da história portuguesa (Fontes, 2013). Quando a *Gazeta de Lisboa* iniciou a sua publicação, em 1715, há mais de um século que existiam manifestações de índole jornalística, ou pré-jornalística, em Portugal e na Europa. Proliferavam, por exemplo, publicações ocasionais, algumas monotemáticas, como as célebres *relações* de naufrágios dos séculos XVI e XVII, espécie de antepassadas dos livros-reportagem. Este foi o primeiro periódico oficial português e a principal publicação periódica impressa desde agosto de 1715 a janeiro de 1760 (Lisboa, 2002), tendo o

¹ Por “arrojamento” entende-se o encalhe na costa de um animal marinho vivo, moribundo ou morto.

² Um género de literatura que surgiu nesta altura foi a literatura em cordel. Viegas Guerreiro, etnólogo, definiu a literatura de cordel como “folhas soltas, volantes ou folhetos, de índole popular ou semipopular, que se vendiam pendurados de um cordel ou barbante: peças de teatro, motes glosados, romances, novelas” (Guerreiro, 1978). O termo “cordel”, da literatura de cordel, é derivado da existência de folhetos e panfletos pendurados em cordas. Este tipo de literatura fez-se, na maioria das vezes em poesia em vez de prosa e numa forma de poesia popular, muito informal (Ramos, 2008).

nascimento desta publicação sido um marco decisivo na história portuguesa e cuja projeção tem sido largamente subestimada. A palavra “Gazeta” tem sido utilizada para denominar as publicações periódicas que apresentam notícias políticas, literárias, científicas, artísticas e religiosas e que começaram a proliferar na Europa a partir do século XVI (Cunha, 1941). Esta publicação em particular procurava difundir, numa base periódica e através de uma leitura rápida, as notícias que vinham das Cortes, as suas movimentações sociais, diplomáticas e militares, permitindo à Coroa manter sob controlo o conteúdo das notícias difundidas periodicamente na forma impressa (Lisboa, 2002). Em geral, o tipo de discurso dessas publicações era informativo, mesmo que, por vezes, fosse também dramatizado e orientado, e a distribuição, dentro do contexto da época, pode considerar-se “massiva”, pois os primeiros jornais e folhetos ocasionais eram, muitas vezes, lidos em voz alta em lugares públicos para vários ouvintes. A *Gazeta de Lisboa* veio tornar periódica uma informação que até aí fora irregular. Inicialmente, continha informação de caráter político, tendo como principais leitores os membros da Corte mas, rapidamente, abriu horizontes e começaram a divulgar-se notícias de caráter económico, social e cultural, chegando a todos os membros da sociedade. Notícias de história natural ou sobre o ambiente e seus animais não eram, no entanto, muito comuns neste tipo de publicações.

Damos então conta da notícia rara sobre o arrojamento de uma grande baleia no estuário do Tejo (Lisboa), na zona de Cacilhas (Figura 1A, B). Segundo a “*Gazeta de Lisboa Occidental*”, no ano de 1723:

“O grande Peixe, que entrou neste porto a semana passada, se não tem certo conhecimento da sua espécie. Alguns entendem ser huma Bufalina, a que os Francezes dão o nome de Soufler, id est, Assoprador, outros que seja certa especie de Balea, a que os Hollandezes chamão Kapeku; mas como a sua figura he diferente da Balea, e de qualquer outro peixe conhecido, se expoem aqui em estampa aos curiosos com as medidas de todos os seus membros, e huma breve descrição da sua estrutura com mais certeza, que a semana passada. Tinha este Peyxe 87 palmos de comprimento, e na sua mayor grossura 43 de circunferência (...) A cabeça era de notável grandeza. O rasgado da boca tinha 15 palmos, e toda a circunferência della 60. Seis homens metidos em pé dentro da sua concavidade parecia occuparem huma pequena parte della; o queixo de sima acabava como unha de ancora, e era guarnecido em lugar

de dentes de 644 barbas, que principiavão com meyo palmo, e acabavão em dous e meyo junto ao canto da boca. (...) A parte de baixo era liza, e da cor do mesmo Peixe. No alto da cabeça tinha duas ventas, ou buracos por onde respirava de dous palmos de meyo de comprido. Cada hum dos olhos tinha hum palmo de diâmetro, e contavão-se 13 entre hum, e outro. Sobre o lombo tinha huma barbatana de palmo e meyo de alto, com dous e três quartos de comprido, e desta até o rabo havia 17 e meyo de distancia. Tinha nas ilhargas duas azas de 11 palmos de extensão cada huma (...) Dizem que havendo entrado neste rio discorrera por ele até ao sítio da Madre de Deos, donde voltára para a visinhança de Cassilhas, e que se chegára tanto a terra, que entalando-se entre huns grandes penedos, não pudera sabir delles, e vasando a maré, se achara em seco, e forão tão grandes os urros, que dava de se ver fóra da agua, que atemorizou os moradores daquelle destrito.”

Esta notícia foi posteriormente publicada num folheto alemão (Figura 2) (Barthelmess, 2009), dando conta do mesmo evento, reproduzindo o texto e apresentando uma nova gravura do arrojamento baseada na da *Gazeta de Lisboa*. Aqui fica claramente patente que alguns eventos naturais que aconteciam em Portugal eram divulgados pela Europa.

No frontispício do jornal alemão “*Der Europäische Postillon*” é possível observar que mesmo existindo uma descrição detalhada do evento e uma representação visual por onde se guiar (notícia e imagem publicada em Lisboa), o novo artista modificou vários aspectos da morfologia externa da baleia arrojada, bem como o ambiente onde o arrojamento aconteceu. Certamente visando um enriquecimento visual do conteúdo informativo, ou uma adaptação ao contexto local, torna-se óbvio que a informação visual inicial foi deturpada. Seja como for, ambas as imagens relatam o mesmo acontecimento, no qual o animal é identificado como um peixe de grandes dimensões. O folheto alemão relata que o animal estaria perdido no estuário do Tejo e teria sido levado pela corrente, até uma aldeia próxima de Cacilhas. Há uma descrição muito precisa do estado do animal, mencionado o comprimento que teria, a cor e o número de “barbatanas” e a existência de glândulas mamárias que identificariam a baleia como sendo fêmea.

É importante ressaltar que muitas descrições e desenhos de animais arrojados, ainda que feitas *in loco* resultam de observações de animais mortos em avançado estado de decomposição e profundamente alterados no seu aspeto morfológico. Isto significa que

22

mesmo; e todos os Senhores, e Damas da Corte vestidos de luto apertado lhe beijarão a mão. A 16. fizeram o mesmo o Parlamento, Universidade, e Tribunaes. Tinha S. Mag. ordenado que se fizessem a esta Princeza todas as honras funebres que se deviaõ à sua pessoa; porém como ella pediu exprellamente que se lhe não abrisse o seu corpo, ordenou El Rey que se comprisse a sua vontade; e assim foy logo conduzido a 10. do Palacio de Saint Cloud para a Igreja da Abbadia Real de S. Diniz, sem nenhuma demonstração de luto; indo diante, e junto ao coche, em que hia o seu corpo, os pagens da Cavalharia grande, e pequena del Rey, as guardas do corpo do Duque de Orleans; os 100. Esquizaros de Sua Alt. Real, os pagens, e homens de pé da mesma defunta, do Duque, e Duqueza de Orleans, todos com tochas acetas nas mãos, Madamoysele de Charolois, Princeza de sangue nomeada por El Rey para a conduzir, hia acompanhada das Duquezas de Humieres, e Tallard, da Marquiza de Chasteauthier, Dama da mesma Senhora defunta, da Marquiza de Flamarin, e da Viscondessa de Tavanéz; os principaes Officiaes de Madama defunta, e os do Duque, e Duqueza de Orleans se seguiaõ em outros coches, como tambem o Abbade de Saint Gery de Maignas, primeiro Esmoler, ou Capellaõ mór de Madama, o qual acompanhado dos mais Capellães, e do P. de Lignieres seu Confessor, appresentou o corpo da mesma Senhora ao Prior da Abbadia de S. Diniz, que com a sua Communidade o veyo receber à porta da Igreja, onde depois das preces ordinarias foy metida na sepultura dos Principes da Casa Real.

H E S P A N H A. *Madrid 7. de Janeiro.*

El Rey assistio a 30. do mez passado pela manhã na sua Real Capella, como Graõ Mestre da Ordem de Santiago, acompanhado de hũ grande numero de Cavalheiros della, à festa da Trasladação do glorioso Apollolo seu Protector; a cujas Vesperas assistio tambem na tarde antecedente. No mesmo dia 30. de tarde deu Sua Mag. audiencia ao Embaxador de França, que lhe entregou cartas del Rey Christianissimo, nas quaes lhe dava parte da morte da Senhora Duqueza de Orleans viuva; e logo no mesmo dia se expediraõ ordens para que as Casas Reaes se vestissem de luto por quatro mezes.

Ao Graõ Meltre de Malta que representou as razoes, que tinha para entender que os apreltos dos Turcos se destinão a lutar a ilha, em que a Religião faz a sua residencia; pedindo loccorro a esta Coroa contra os mesmos infieis, prometteo S. Mag. mandar hum refresco de 30. homens com luzidos, e pagos à sua custa.

Aqui se diz que a Corte de Vienna não quer contentir que a Coroa de Hespanha tenha a Praça que pede em Italia, para segurança da successão de Toscana; attendendo à execução do artigo quinto do tratado da Quadruple aliança; e allegura-se que o Marquez Corsini Plenipotenciario do Graõ Duque de Toscana deu Memoriaes a todos os Plenipotenciarios das Potencias, que entraraõ nella, nos quaes protesta em nome de seu amo contra tudo o que se estipular no futuro tratado sobre a successão dos seus Estados sem a sua participação.

P O R T U G A L. *Lisboa 21 de Janeiro.*

NA Igreja do Real Mosteiro de S. Vicente de fóra desta Cidade se celebrou Sabbatho, Domingo, e segunda feira a festa do Desagravo do Santissimo Sacramento da Freguezia de Santa Engracia com a tolemnidade costumada; El Rey nosso Senhor, que Deos guar-te, assistio nella no primeiro, e no ultimo dia; neste pegou em huma das varas do pallio com Suas Altezas, e com alguns Grandes da Corte. A Rainha nossa Senhora assistio à mesma festa no segundo dia.

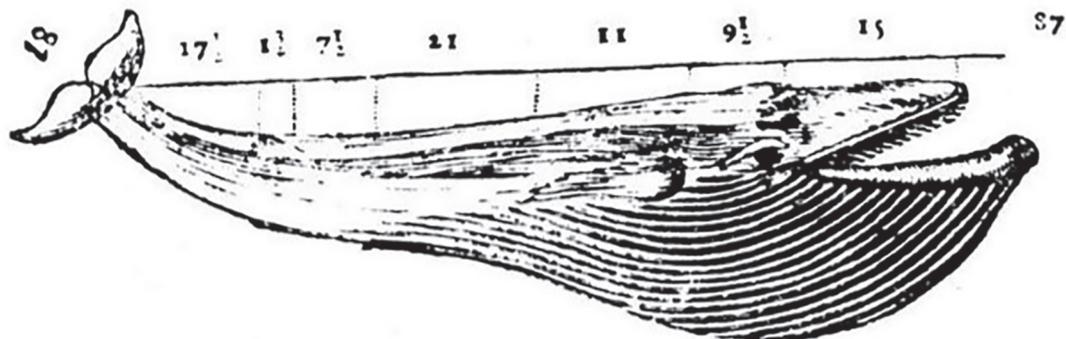
Em 12. do corrente entrou neste porto huma nao de guerra da Grã Bretanha, chamada *Lime*, capitaneada por Mylord Vere; e no dia seguinte partio para o Estreito (donde esta veyo) outra, que aqui se achava por nome *Dorsley-Gally*, mandada pelo Capitaõ George Turvis.

O grande Peixe, que entrou neste porto a semana passada; se não tem certo conhecimento da sua especie. Alguns entendem ter hama Butalina, a que os Francezes dão o nome de *Souffleur*, id est, Alloprador, outros que seja certa especie de Balea, a que os Hollandezes chamaõ *Kapeku*; mas como a sua figura he diferente da Balea, e de qualquer outro peixe conhecido, se expõem aqui em estampa aos curiosos com as medidas de todos os seus membros,

24

bras, e huma breve descripção da sua estrutura com mais certeza, que a semana passada.

Tinha este Peixe 87. palmos de comprimento, e na sua mayor grossura 43. de circumferencia, que por ser perfeitamente redondo, teria de alto 14. e hum terço. Na parte onde acaba a barbatana do ripinhaço tinha 14. de circumferencia. Desde alli hia diminuindo com figura chata até grossura de 2. palmos e meyo fômente, e na parte mais delgada começava o rabo, deitado, e uão ao alto como os outros peixes com 4. palmos de comprido, e 7. em circumferencia, acabando em duas pontas como os das Andorinhas com extenção de 18. palmos. A cabeça era de notavel grandeza. O rasgado da boca tinha 15. palmos, e toda a circumferencia della 60. Seis homens metidos em pé deatto na tua concavidade parecia occuparem huma pequena parte della; to queixo de cima acabava como unha de ancora, e era guarnecido em lugar de dentes de 644. barbas, que principiavaõ com meyo palmo, e acabavaõ em dous e meyo junto ao canto da boca. As de diante occupavaõ 5. palmos de cada lado, e eraõ brancas em numero de 294. As que occupavaõ os dez palmos até a junta dos queixos, eraõ 350. e tiravaõ a cor de chumbo, como a do mesmo Peixe. A parte superior da concavidade da boca tinha hũa especie de sedas como de Javalá, quasi brancas, com hum terço de palmo de comprimento, e no meyo huma fôrma de quilha, que continuava da ponta da boca até a guela, branca, e liza, com meyo palmo de largo, e outro tanto de grosso, mas adelgação no meyo acabava com dous palmos de largura. A parte de bayxo era liza, e da cor do mesmo Peixe. No alto da cabeça tinha duas ventras, ou buracos por onde respirava de dous palmos e meyo de comprido. Cada hum dos olhos tinha hum palmo de diametro, e contavaõ-se 13. entre hum, e outro. Sobre o lombo tinha huma barbatana de palmo e meyo de alto, com dous e tres quartos de comprido, e desta até o rabo havia 17. e meyo de distancia. Tinha nas ilhargas duas azas de 11. palmos de extenção cada huma, as quaes distavaõ 9. e meyo do canto da boca. Desde os queixos pela parte da barriga tinha 33. listras brancas, e entre ellas outras tantas meyas canas cor de chumbo, com que faziaõ 66. as quaes acabavaõ todas em fôrma pyramidal no embigo, que se distinguia com huma concavidade de meyo palmo, e havia sete e meyo até a via da propagação, a qual mostrava ser femca, e tinha dous palmos e meyo de comprido, e de cada parte huma maneira, a tres de palmo com seu bico no meyo. A via do excremento tinha hum palmo. A guela hum quarto de palmo de diametro, e desta para a boca lhe cahiaõ sobre o queyxo de bayxo humas pelles como redenhos de perto de dous palmos e meyo brancas, encarnadas, e vermelhas, ou tirantes a roxo. A pelle era delgada, e taõ mimosa, que com pouca força, que se lhe applicava, a destaziaõ.



Dizem que havendo entrado neste rio descobrira por elle até o sitio da Madre de Deos, donde voltara para a vizinhança de Casilhas, e que se chovêa at into a terra, que entalando se entre huns grandes penedos, não pudera sair dellas, e vafando a mare, se achara em seco, e foraõ tão grandes os urros, que dava de se ver fóra da agua, que atemorizou os moradores do d'el-reio.

Na Officina de PASCAL DA SILVA, Impressor de Sua Magestade.
Com todas as licenças necessarias.



FIGURA 2: Frontispício de *Der Europäische Postillon*, Augsburg 1723. Representação da mesma baleia arrojada em Cacilhas em 1723. Imagem cedida da coleção de Klaus Barthelmeß.

o aspeto representado visualmente poderá ser bastante diferente do animal em vida. Tal como acontece em numerosas representações, as baleias encontram-se representadas com a língua ou o pênis no exterior do corpo (membro interno durante a vida do animal), resultado não da biologia dos animais, mas da condição da sua morte. O seu tamanho exagerado, não se deverá apenas ao entusiasmo do artista, mas também à decomposição avançada que provoca um inchaço geral do corpo devido à acumulação de gases. Outros aspetos igualmente modificados são descritos ou representados, como a cor da pele devido à descoloração ou por ter caído. Marcas ou cortes no corpo dos animais, devido a lutas entre si, pela sua causa de morte ou pelo arrastamento para uma praia, resultam em descrições erróneas das suas características exteriores (Figura 3).

Outros animais noutras publicações coevas

Uma segunda notícia de um grande monstro arrojado, também esta com uma imagem associada, surge num folheto avulso datado de 1748. O próprio folheto tem como título “*Relaçam, do monstruoso peixe, que nas prayas do Tejo appareceo em 16 de Mayo deste presente anno de 1748.*” (Figura 4) (Conceição, 1748).

Este folheto constituído por oito páginas faz referências a estranhos peixes que apresentam dimensões desproporcionadas, como sejam as baleias. O narrador menciona casos de peixes monstruosos como o caso de um tubarão e de outras descrições de peixes com dimensões estranhas capturados na baía de Cascais, assim como outros relatos de pesca, chamando de “monstros marinhos” às espécies capturadas. Este termo é usado devido às suas anormais dimensões, evocando o naturalista Plínio³ para as caracterizar. Contudo, o assunto principal deste folheto é o aparecimento no rio Tejo de um peixe de grandes dimensões em meados do século XVIII. Aqui a criatura monstruosa é vista como um peixe monstruoso, e não um homem marinho, fazendo uma associação a monstros que normalmente não exercem ações nocivas sobre os homens (Ramos, 2008).

Tendo em conta a descrição, consideramos que se tratava possivelmente de um tubarão, mais concretamente o tubarão-frade (*Cetorhinus maximus*)⁴. Parece clara a grande dificuldade em identificar grandes animais marinhos que chegavam às costas, normalmente sendo estes eventos raros. As suas grandes dimensões e a forma pouco vulgar do corpo podem levar a diferentes perceções e à difícil identificação do animal em causa. Vejamos que, por exemplo, a ilustra-

³ Caio Plínio Segundo, também conhecido como Plínio, o velho, foi um naturalista romano, que escreveu a obra “*Naturalis Historia*”, em 77 d.C.

⁴ A título de curiosidade, o nome científico desta espécie de tubarão significa exatamente, do latim κῆτος (ketos) monstro marinho ou baleia e ῥίνος (rhinos) nariz.

ção no folheto de 1748 que é muito semelhante a uma representação existente de um cachalote arrojado no século XVIII (Figura 5) ainda que sejam obviamente animais diferentes. A iconografia resultante da interpretação dos grandes animais arrojados dificulta, em certa medida, a interpretação dos folhetos. Quando a publicação une uma representação visual com uma descrição escrita detalhada do animal em causa, como é o caso dos dois folhetos identificados anteriormente, torna-se mais fácil sugerir uma identificação da espécie à luz do conhecimento atual.

Discussão: Produção e disseminação de informação natural

A análise das fontes portuguesas contribui com exemplos de eventos raros e estranhos sobre a fauna marinha que chegava às costas de Portugal continental. Mostra ainda exemplos de folhetos escritos e publicados em Portugal, e depois copiados e traduzidos para outras línguas vernáculas, indicando o interesse Europeu em tais temáticas. Este é o caso da baleia comum arrojada no estuário do Tejo (Lisboa) mencio-

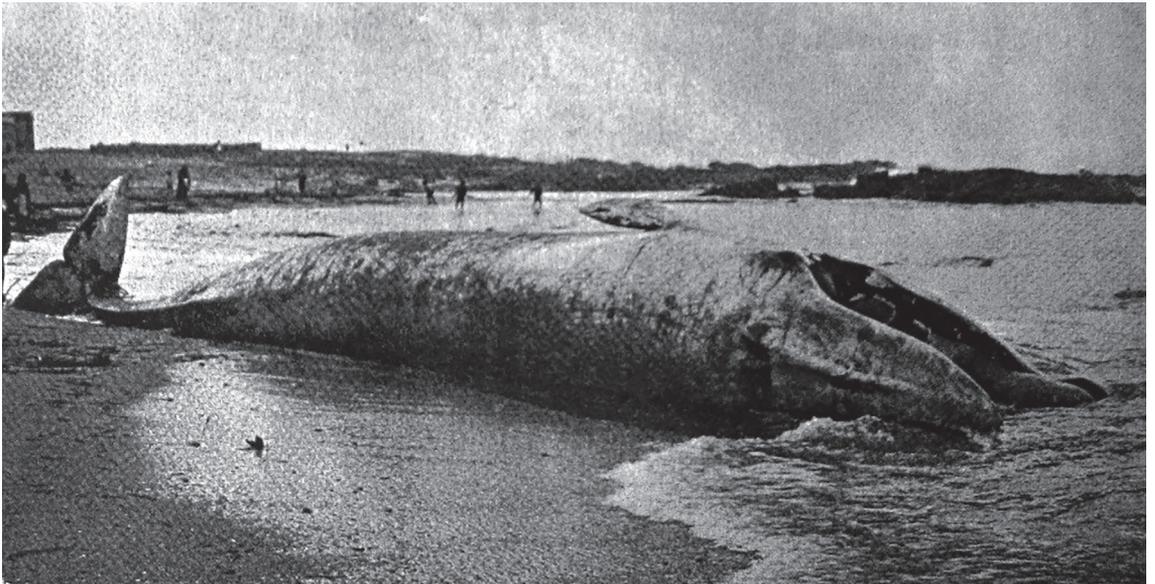
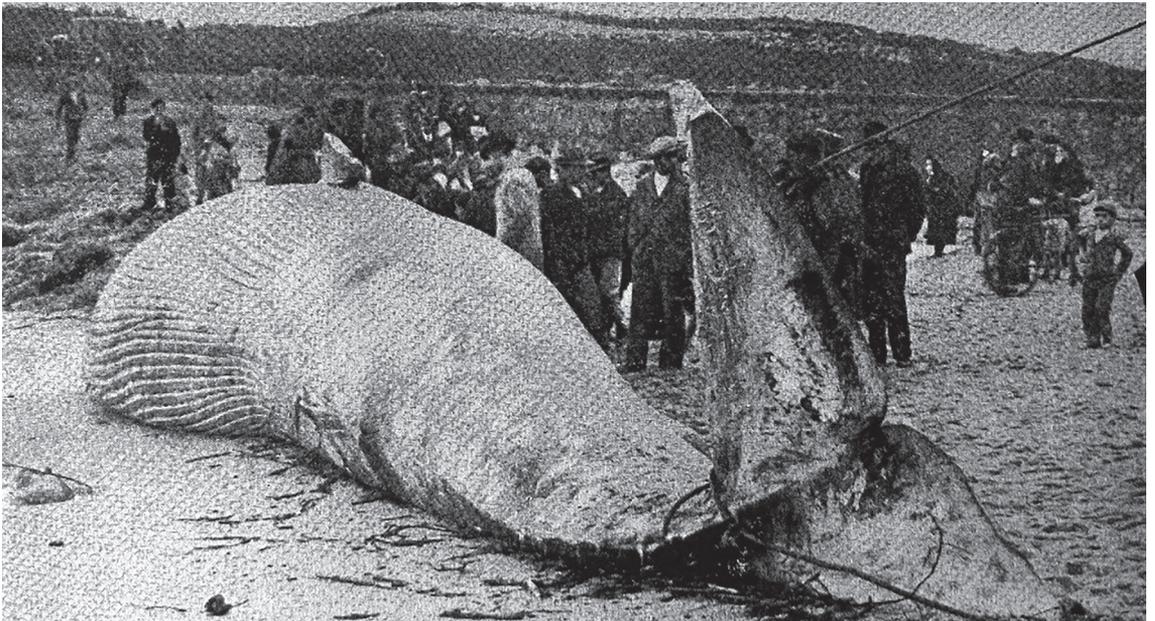


FIGURA 3: Fotografias de um arrojamento de uma baleia de barbas no século XX, sendo visível as pregas na zona ventral (o animal está virado de lado) na Praia do Paraíso (Portugal Continental). Imagem retirada do artigo de Braga (1940).

nada na Gazeta de Lisboa 1723 com a descrição detalhada do espécime, acompanhada de uma ilustração da baleia com as suas medidas, que foi posteriormente traduzida e impressa num folheto alemão. Aqui, a transferência da informação da história natural e comunicação de novos conceitos do mundo natural foi conduzido desde a periferia até ao centro da Europa. Este fato é ainda algo raro nos séculos XVI e a partir do século XVII, mas começa a intensificar-se no século XVIII. Na verdade, a troca de informação entre cientistas e simples curiosos ganhou impulso com a publicação dos primeiros periódicos científicos. Por volta de 1850, existiam cerca de mil títulos em circulação, aumentando em 100 anos para dez vezes mais o seu número (Figueiredo, 1979), coincidente com o desenvolvimento da ciência e consequentemente do número de pesquisas. No decorrer dos séculos XVI a XVIII, as cartas dos viajantes e naturalistas constituem uma documentação tão valiosa quanto os diários, especialmente pelo fato de que permitem reconstituir parte do cenário e enquadramento de muitas

expedições (Outram, 1996). Embora as evidências produzidas pelos viajantes e naturalistas tenham sido amplamente registadas na forma de texto, como é o caso dos diários de campo, das correspondências, dos livros e dos artigos publicados, podemos considerar bastante significativa a utilização de imagens para a representação das informações recolhidas (Ferreira, 2004). A multiplicação das publicações e dos diferentes formatos das mesmas permitiu igualmente que as novas informações naturais, ou as curiosidades sobre o mundo animal, se tornassem de conhecimento de vários setores da sociedade civil.

No entanto, a inclusão de imagens em folhetos e jornais não era comum. Chama assim particularmente a atenção o fato de encontrarmos notícias com imagens associadas e estas serem sobre grandes e raros animais marinhos – uma baleia e um tubarão. As descrições pormenorizadas existentes nos folhetos pareciam, só por si, não serem suficientes para transmitir ao leitor a monstruosidade destas criaturas que chegavam mortas ou moribundas à costa portuguesa. O aparecimento de tais animais constituía notícia de tal importância e de tal raridade que parecia justificar o complemento visual da notícia (Brito, 2016). Assim, surgiram as imagens nos folhetos do século XVIII que foram sendo aperfeiçoadas consoante os conhecimentos que eram adquiridos sobre as espécies animais. Os grandes animais marinhos foram sempre um exemplo paradigmático em termos da iconográfica sobre o mundo natural, particularmente ou mais distante ou mais exótico (Brito, 2010, 2016). Podemos aqui incluir vários grupos animais como os mamíferos marinhos (cetáceos, focas e manatins), as tartarugas marinhas, as aves marinhas e os grandes peixes (nomeadamente tubarões, raias, peixes-serra, espadartes, atuns, entre outros). A todos estes animais era atribuído um valor simultaneamente místico como mundano, já que representavam o grande leviatã mas também eram consumidos e aproveitados enquanto recurso marinho de elevado valor económico desde a Idade Média (Brito, 2016).

É a partir do século XVI que os arrojamentos de grandes cetáceos, para além da sua importância económica e cultural, passam a ter igualmente uma grande relevância para a obtenção de conhecimentos sobre a vida destes animais. A chegada de uma baleia a uma costa povoada é uma importante fonte de recursos, mas também a principal fonte de conhecimento sobre a morfologia e anatomia dos grandes mamíferos marinhos. A curiosidade despertada em todos que observavam tal acontecimento é tanta que rapidamente chega aos estudiosos e intelectuais. Estes começam a produzir descrições e representações visuais cada vez mais detalhadas e corretas. Os arrojamentos eram a

na armação, que costuma fazer ás pescadas, observo este modo: Cada qual, segundo sua possibilidade, tem tres, quatro, cinco, e muitas vezes dez redes; e cada huma dellas de trinta, ou quarenta braças de comprido; por huma, e outra parte vay com laços de hum cordel, a q̃ huns chamaõ guite, outros barbante, enfiada huma cordinha da grossura de hum dedo, mas firmamente forte: em huma destas cordilhas de cinco palmos, vão atadas humas pedras de meyo arratel, pouco mais, ou menos; em a outra vão na mesma distancia enfiadas humas cortiças redondas, e tão grandes como a superficie da copa de hum chapeo: cada pescador poem nas extremidades das suas redes humas boyas, que sendo de materia tão leve, como he a cortiça, haõ de ter meya arroba de pezo: as redes de toda a companhia ficaõ unidas; agora vamos a mostrar o como estes grandes peixes ficaõ presos: topaõ elles na rede, ou vem a ella a comer o que nella esta já preso, e querendo paillar avante, puxaõ pela rede, e fazendo ella alguma objecção, o peixe voltandose, e lutando, se vay prendendo nas tralhas, que assim se chamaõ as cordilhas das cortiças; e como sejaõ muitas, e o pezo das boyas pequenas, e grandes, e juntamente das pedras o embaracem, alli fica lutando até morrer nas mesmas redes embaracado: esta he a relação do peixe, que no dia 16. deste mez de Mayo appareceu nas prayas desta Cidade, e na ribeira della esteve por tempo de tres horas, donde sendo levado pelo pescador Antonio dos Santos o Saloy, e sua companhia ao dito lugar do Barreiro, nelle foy feito em pedagos, donde emanou a noticia dada de suas internas, e externas partes pelo dito pescador a Manoel da Conceição Livreiro, morador na rua dircita do Loreto, que agora a offerce ao publico.

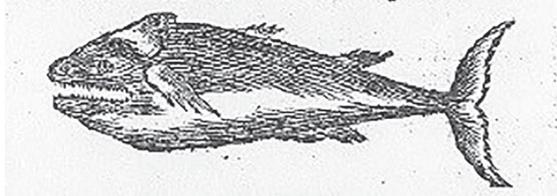


FIGURA 4: Página da “Relação, do mostruoso peixe, que nas prayas do Tejo appareceu em 16 de Mayo deste presente anno de 1748.”

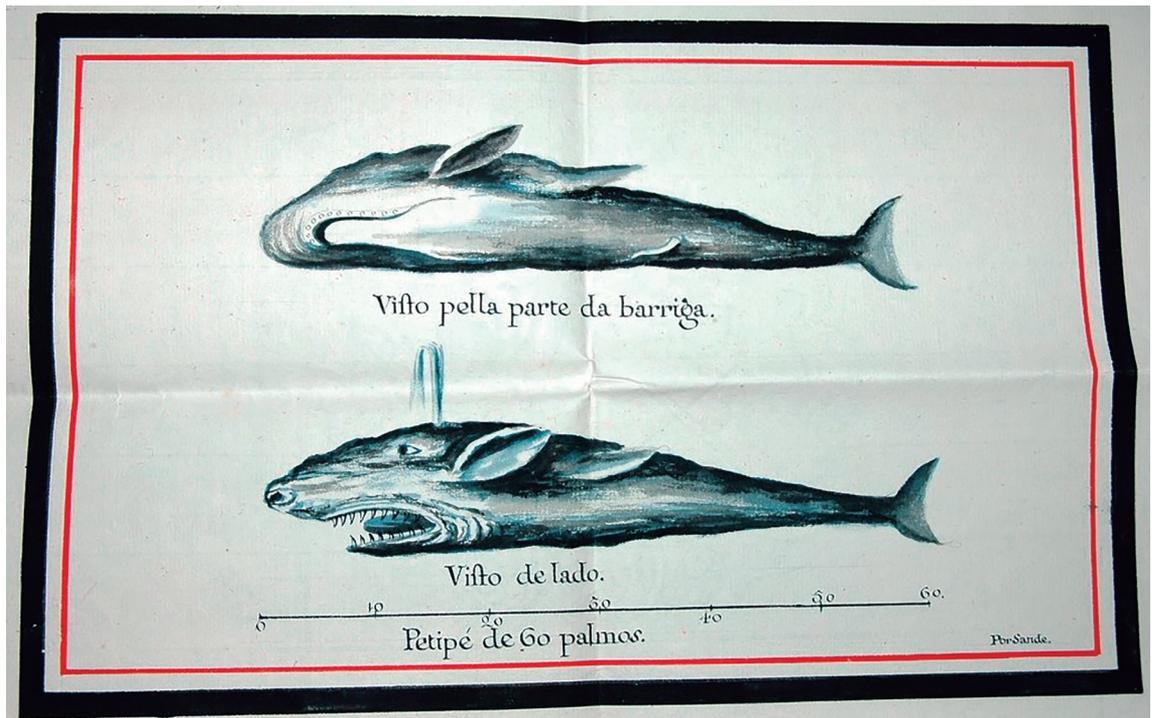


FIGURA 5: Desenho do século XVIII mostrando o arrojamento de cachalotes, onde se observam duas vistas do animal e o seu comprimento. Fotografia da autora do original existente no A.V.G. em Lisboa.

única forma verdadeira de alguns naturalistas e outras pessoas interessadas terem contato com estes animais já que, à exceção dos pescadores e marinheiros, poucos teriam um contato direto com a realidade natural marinha. Analisar arrojamentos constituía a ciência pioneira da época pois dissecar os animais mortos fornecia informação valiosa e obtinham-se dados anatómicos muito relevantes. Observações e desenhos de animais arrojados que incluem medições, tais como o comprimento do animal e outras partes do corpo, ou descrições físicas do local, indicam que o observador teria já um espírito científico e crítico e não uma mente fechada, influenciada apenas pela superstição ou mitologia. Rapidamente, e com o exótico a igualar-se ou a sobrepor-se ao comum, a curiosidade naturalista e científica ganha o seu espaço sobre o medo do desconhecido. Ao longo da história de Portugal existem, na verdade, inúmeros registos destes eventos um pouco por todos os espaços costeiros e oceânicos (Brito, 2010, 2016). Para além de arrojamentos, há desde cedo inúmeras descrições, como a de Jean de Léry, missionário, que descreveu na sua obra “Viagem à Terra do Brasil” (1578) (Léry, 1972), de avistamento de golfinhos e vários outros grandes animais marinhos em pleno mar e com todas as suas características anatómicas e comportamentais devidamente observadas e compiladas.

Todas estas informações, mais ou menos detalhadas, mais ou menos corretas, começam a ganhar corpo no âmbito da história natural Europeia desde o século XVI. Quando chegamos aos meados do século XVIII, todo o conhecimento natural sobre animais e ambientes marinhos já acumulado até então começa a transbordar para a sociedade. As baleias e as suas representações realistas em folhetos e outras publicações começam, pouco a pouco, a dar também o seu contributo na construção das concepções europeias modernas sobre o mundo natural.

RESUMO

As notícias sobre grandes e exóticos animais marinhos começam a difundir-se em Portugal e na Europa a partir da segunda metade do século XVI. Estas, contendo tanto informação escrita como detalhes visuais, eram tipicamente incluídas em enciclopédias e tratados, mas também em folhetos que facilmente era passados de pessoa em pessoa, disseminando esta nova informação para diferentes audiências e através de distintos círculos de conhecimento. No século XVIII, como parte de jornais ou como folhas avulsas, os eventos raros e estranhos do mundo natural eram amplamente difundidos em várias línguas vernaculares europeias. Estas notícias eram de

grande interesse para o público em geral e não apenas para estudiosos, colecionadores ou naturalistas. A análise de algumas fontes portuguesas deste período mostram exemplos desta produção e disseminação de conhecimento do meio marinho. Surge o caso da baleia comum arrojada no estuário do Tejo (Lisboa, Portugal) que é publicada em 1723 na *Gazeta de Lisboa* e posteriormente publicada na Alemanha. Este exemplo, e outros apresentados, mostram o interesse na publicação deste tipo de notícias que eram avidamente consumidos por membros de diferentes níveis da sociedade europeia. Estas baleias e outros grandes animais marinhos são ainda um contributo para a construção de conceitos modernos sobre o mundo natural local e exótico.

PALAVRAS-CHAVE: Baleias; Arrojamentos; Portugal; Descrições, Imagens; Folhetos; Disseminação cultural; Século XVIII.

REFERÊNCIAS

- BARTHELMESS, K. 2009. Basque whaling in pictures, 16th-18th century. *Itsas Memoria. Revista de estudos marítimos del País Vasco*, 6:643-667.
- BRAGA, J. 1940. A Balaenoptera da Praia do Paraíso. *Publicações do Instituto de Zoologia "Dr. Augusto Nobre"*, Porto, 1:7-21.
- BRITO, C. 2010. *Os Mamíferos marinhos nas viagens marítimas pelo Atlântico entre os séculos XV e XVIII: A Evolução da ciência e do Conhecimento*. Dissertação de Doutoramento em História. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- BRITO, C. 2016. *New Science From Old News: Sea monsters in the early modern Portuguese production and transfer of knowledge about the natural world*. Lisboa, Escola de Mar. 124p. (Scientia et Historia, 1).
- CONCEIÇÃO, M. 1748. *Relaçam do monstruoso peixe, que nas prayas do Tejo appareceo em 16 de Mayo deste presente anno de 1748*. Lisboa.
- CUNHA, A. 1941. Elementos para a história da imprensa periódica portuguesa. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras*, v. 4.
- FERREIRA, R. 2004. Henry Walter Bates: um viajante naturalista na Amazônia e o processo de transferência da informação. *Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, 33(2):67-75.
- FIGUEIREDO, N. 1979. O processo de transferência da informação. *Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, 8(2):119-138.
- FONTES, S. 2013. *Gazeta de Lisboa (1715-1716 e 1815): Estudo Informático-Linguístico*. Vila Real, Centro de Estudos em Letras/ Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- GUERREIRO, M. 1978. *Para a história da literatura popular portuguesa*. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa.
- LÉRY, J. 1972. *Viagem à Terra do Brasil*. São Paulo, Livraria Martins Editora/Editora da Universidade de São Paulo. 258 p.
- LISBOA, J.L. 2002. *Gazetas: A informação política nos Finais do Antigo Regime*. *Cadernos de Cultura*, Lisboa, v. 5.
- MASCARENHAS, J. 1723. *Gazeta de Lisboa Ocidental*. Imprensa Nacional.
- OUTRAM, D. 1996. New spaces in natural history. In: Jardine, N.; Secord, J. & Spary, E. (Eds.). *Culture of natural history*. Cambridge University.
- RAMOS, M. 2008. *Os monstros na literatura de cordel portuguesa do século XVIII*. Lisboa, Edições Colibri/Instituto de Estudos de Literatura Tradicional.
- SOARES, E. 2007. *A publicidade na Gazeta de Lisboa: 1715-1760*. Tese de Mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007.
- TEIXEIRA, D. & PAPAVERO, N. 2014. Visões da fauna e flora da Amazônia em dois raros folhetos portugueses do século XVIII incentivando a emigração. *Arquivos de Zoologia*, São Paulo, 45(2):35-44.

Aceito por Mário de Vivo em: 18/04/2016
 Publicado em: 01/12/2016